



## Industriar o professor<sup>1</sup>: uma cartografia dos cinematógrafos no Brasil (1910 a 1930)

Industry the teacher: a cartography of cinematographers in Brazil (1910 to 1930)

Industrializar el maestro: una cartografía de cinematógrafos en Brasil (1910 a 1930)

Luani de Liz Souza

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0003-1668-1376>

<http://lattes.cnpq.br/4700860401423171>

[luani.liz.souza@gmail.com](mailto:luani.liz.souza@gmail.com)

Vera Lucia Gaspar da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina (Brasil)

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

<https://orcid.org/0000-0003-2957-5708>

<http://lattes.cnpq.br/8881750759405221>

[vera.gaspar.udesc@gmail.com](mailto:vera.gaspar.udesc@gmail.com)

### Resumo

Este texto apresenta dados que caracterizam a presença (física e retórica) e a circulação do cinematógrafo na escola brasileira. A documentação consultada permite construir (ou reconstruir) parte de uma narrativa que enaltece a modernidade e o progresso na educação através da invenção, fabricação e comercialização de um conjunto de artefatos, entre eles o cinematógrafo. Da narrativa da modernidade, fomentada pelas Exposições Universais, às alianças entre o setor educativo e a indústria que descobre na escola um grande mercado, vai-se construindo um mapa que retrata a presença de indústrias e representantes comerciais bem como, do próprio objeto na escola. Não menos importante é a formulação do Instituto de Cinema Educativo, suas funções e atividades e às relações comerciais estabelecidas com as indústrias internacionais de cinematografia. A narrativa dos conteúdos escolares estaria assim balizada por interesses da indústria e seus aliados e portavozes que irão defender a necessidade de industriar o professor.

**Palavras-chave:** Cinematógrafo. Cultura material escolar. Objetos da escola. Cinema educativo.

---

<sup>1</sup> A expressão "industriar o Professor" aparece em texto assinado por Avelino de Almeida com o título "Do cinema educativo. No Brasil também há alguma coisa...", publicado em Lisboa na Revista **Cinéfilo**, edição de 26.03.1932. Segundo o autor, era necessário industriar os professores (no sentido de ensinar e induzir) acerca dos melhores tipos de aparelhos. Registramos nosso agradecimento à Professora Selda Vale da Costa, da Universidade Federal do Amazonas, que gentilmente nos cedeu cópia deste texto.

## **Abstract**

This text presents data that characterize the presence (physical and rhetorical) and the circulation of the cinematograph in the Brazilian school. The consulted documentation allows to build (or reconstruct) part of a narrative that praises modernity and progress in education through the invention, manufacture and commercialization of a set of artifacts, including the cinematograph. From the narrative of modernity, fostered by Universal Expositions, to the alliances between the educational sector and the industry that discovers a large market in the school, a map is constructed that portrays the presence of industries and commercial representatives as well as of the object itself in the school. No less important is the formulation of the Instituto de Cinema Educativo, its functions and activities and the commercial relations established with the international cinematography industries. The narrative of school content would thus be guided by interests of the industry and its allies and spokespersons who will defend the need to industrialize the teacher.

**Keywords:** Cinematograph. School material culture. School objects. Educational cinema.

## **Resumen**

Este texto presenta datos que caracterizan la presencia (física y retórica) y la circulación del cinematógrafo en la escuela brasileña. La documentación consultada permite construir (o reconstruir) parte de una narrativa que alaba la modernidad y el progreso en la educación a través de la invención, fabricación y comercialización de un conjunto de artefactos, incluido el cinematógrafo. desde la narrativa de la modernidad, fomentada por Expositions Universal, hasta las alianzas entre el sector educativo y la industria que descubre un gran mercado en la escuela, se construye un mapa que retrata la presencia de industrias y representantes comerciales, así como del objeto en sí mismo en la escuela. No menos importante es la formulación del Instituto de Cinema Educativo, sus funciones y actividades y las relaciones comerciales establecidas con las industrias cinematográficas internacionales. la narrativa del contenido escolar se guiaría por los intereses de la industria y sus aliados y portavoces que defenderán la necesidad de industrializar al maestro.

**Palabras clave:** Cinematografo. Cultura material de la escuela. Objetos de la escuela. Cine educativo.

**Recebido:** 23/07/2020

**Aprovado:** 24/11/2020

## Introdução

O objetivo da presente proposta é apresentar dados que caracterizam a presença (física e retórica) e a circulação do cinematógrafo na escola brasileira. A inserção deste artefato se articularia a um "jogo de sedução" da pedagogia moderna para o uso de objetos e, neste caso, da "tecnologia audiovisual". Por uma proximidade com a modernização industrial, a inovação ajudaria a reorganizar e a acelerar os processos e modos de aprender e ensinar. Neste cenário, como anunciava Almeida (1932), era necessário "industrializar os professores" acerca dos melhores tipos de aparelhos.

A presença de artefatos ópticos, movidos a eletricidade, com estruturas mecânicas como as do cinematógrafo, criará um campo dedicado à formação tecnológica do professor, já que, ensinar com determinado artefato mobiliza outra prática técnica. Quando Almeida (1932) denomina essa formação como industrializar os professores, o faz em momento posterior a Exposição de Cinematografia Educativa (1929) ocorrida no Distrito Federal. O autor considera tal exposição, como elemento de uma Reforma educacional, que para ele não ficará no papel. A atenção de Almeida (1932) ao termo industrializar, aparece também posteriormente, quando no Distrito Federal, entre 1930 a 1934 existiam Editais de convocação para a formação de professores para o manejo dos cinematógrafos. A chamada para a formação ocorria de acordo com o "tipo/marca" de projetor em cada escola que o professor trabalhava. Nesta esteira, a documentação consultada<sup>2</sup> permite construir (ou reconstruir) parte de uma narrativa que enaltece a modernidade e o progresso na educação através da invenção, fabricação e comercialização de um conjunto de artefatos. Entre eles destacamos o cinematógrafo, cuja popularização e o manuseio se tornam possíveis pelo aprimoramento das técnicas que cada vez mais disponibilizam para o grande público, incluindo o escolar, equipamentos de projeção.

O ponto de partida que se coloca como baliza neste estudo está nas Exposições Universais, com estreitamento para relações estabelecidas entre as indústrias produtoras de aparelhos ópticos e o mercado escolar. No entanto, a ênfase está no período que vai das décadas de 1910 a 1930, em função das evidências da incorporação deste artefato como recurso pedagógico nas escolas, finalizando-se a análise no ano de 1936 que marca a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo. Avanços e recuos nestes marcos temporais estarão presentes no texto sempre que se considerar que contribuem para melhor compreensão das questões apresentadas.

Cabe registrar que no percurso da pesquisa realizada localizou-se a presença de dispositivos mecânicos ópticos em período bem anterior ao estabelecido neste estudo, ainda que tais dispositivos guardem formas específicas de projeção (particularmente da imagem fixa para a imagem em movimento). Em 1649 os jesuítas<sup>3</sup> já faziam uso da lanterna mágica. Foram localizadas também informações sobre as fantasmagorias em 1797, o thaumatropio<sup>4</sup> (espécie de pião mágico) datado de 1825 e o zootrópio, inventado em 1834<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Valemo-nos aqui do conjunto documental organizado por Luani de Liz Souza para a elaboração da tese "**O cinematógrafo entre os olhos de Hórus e Medusa: Uma memorabilia da educação escolar brasileira (1910 – 1960)**", defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPG/UEDESC, bem como, daqueles localizados por Vera Gaspar em atividades relacionadas ao Projeto de Pesquisa "**Objetos em Viagem**" (CNPq/UEDESC/FAPESC/CAPE) quando foram consultados acervos do CEINCE, Espanha, do Museu Pedagógico José Pedro Varela e da Biblioteca Pedagógica Central Mtro. Sebastián Morey Otero, no Uruguai, Acervo Paulo Bourroul na Biblioteca da FEUSP e acervo da Biblioteca del Maestro em Buenos Aires, Argentina. A seleção de fontes reúne então documentos de instituições governamentais, bases físicas e digitais, de aporte à educação e à cultura no Brasil, em acervos de jornais, inventários/catálogos de indústrias, Diários Oficiais da União e dos Estados do país, em arquivos pessoais de intelectuais brasileiros relacionados à educação, bem como em instituições internacionais.

<sup>3</sup> Atribuí-se ao jesuíta alemão Athanasio Kircher a patente da primeira lanterna mágica que teria sido criada em 1640, porém há contestações, que apontam para outro jesuíta, esse francês, Pe. Milliet de Charles, que a teria inventado no princípio do século XVII. (Liz Souza, 2016, p. 49 - nota 29).

<sup>4</sup> Invenção atribuída ao médico e físico inglês Jonh Ayrton.

<sup>5</sup> Invenção atribuída ao matemático inglês William George Horner.

Mas, será a Patente nº 01003, de 1895, nº fab. 44, que registra o dispositivo apresentado pelos Irmãos Lumière<sup>6</sup> um marco de referência da criação de um mecanismo capaz de capturar, copiar e projetar a imagem, uma forma de deslizar a película, a fim de passar sem abrupta interrupção entre os quadros de imagens e, em consequência, dar a ver "um movimento real". As Exposições Universais terão importante papel na visibilidade, comercialização e "popularização" do invento dos Lumière's. Segundo Gaspar da Silva e Souza (2016, pp. 7-8), as Exposições Universais, "simbolizam o que se pode encontrar de consenso na literatura da área que trata do tema, como as "vitrines da modernidade" e "palcos do progresso" e condensariam, nos produtos expostos, o estado de avanço das nações, o desenvolvimento tecnológico e a construção do gosto (ou consumo) moderno. [...] Inserindo-se como tema e item das exposições a educação se consagra, também, como expressão do progresso tecnológico."

O quadro abaixo, apresenta uma cronologia das Exposições Internacionais. Conforme explicam as autoras que o compuseram, iniciativas locais, ainda que tenham sido uma espécie de embrião deste tipo de evento, anteriores a 1851 e posteriores a 1922, não foram computadas.

### Quadro 1: Exposições Internacionais

Ano	Cidade	País
1851	Londres	Inglaterra
1855	Paris	França
1862	Londres	Inglaterra
1865	Porto	Portugal
1867	Paris	França
1873	Viena	Áustria
1876	Filadélfia	Estados Unidos
1878	Paris	França
1879	Sidney	Austrália
1880	Melbourne	Austrália
1882	Buenos Aires	Argentina
1883	Antuérpia	Bélgica
1884	Nova Orleães	Estados Unidos
1888	Barcelona	Espanha
1889	Paris	França
1893	Chicago	Estados Unidos
1897	Bruxelas	Bélgica
1900	Paris	França
1904	Luisiana	Estados Unidos
1906	Milão	Itália
1910	Bruxelas	Bélgica
1915	S. Francisco	Estados Unidos
1922	Rio de Janeiro	Brasil

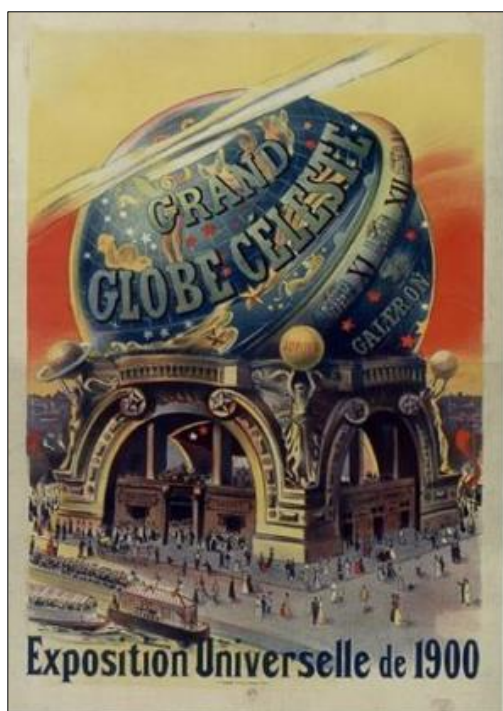
**Fonte:** Organizado por Gaspar da Silva e Souza (2016) com base em Kuhlmann Júnior, 2001, p. 10, e outras fontes bibliográficas e jornais, como: *O Publicador*. Exposição Industrial, 22/maio/1866, ano V, n.1109, pp.3-4.

<sup>6</sup> Segundo Liz Souza (2016, p. 62), no que tange às relações de mercado, o capital cinematográfico foi desenvolvido a partir do núcleo de consórcios de fábricas e indústrias dos ramos da eletricidade, da química, da medicina e de artefatos bélicos. O cinematógrafo dos irmãos Lumière vincular-se-ia a este núcleo através das indústrias do ramo da química. A produtora de filmes fotográficos pertencia à Fábrica/Sociedade Lumière, com sede em Lyon, de propriedade de Antoine Lumière (pai de Auguste e Louis). "Os irmãos Lumière, acompanham e se aproximam do desenvolvimento técnico de equipamentos de projeção e através da indústria de filmes mantinham relação com Thomas Alva Edison. A patente que registram mais tarde é contestada por Edison, que os acusa de apenas ter aprimorado o Kinescópio que havia produzido." (...) "A diferença que marca os dois artefatos é o fato de ser um, o invento de Edson, limitado a fazer projeções individuais já o dos irmãos Lumière na primeira exibição na Exposição Universal de 1900, alcançou um público de 25.000 espectadores.

Segundo Liz Souza (2016, p. 65), nas Exposições de 1851 à 1900 são apresentados objetos qualificados retoricamente como as "maiores invenções", dentre eles o aparelho fotográfico de Louis Daguerre - Londres / 1851, o telefone de Graham Bell - Filadélfia / 1876 e o cinematógrafo dos Irmãos Lumières e o Kinematograph de Thomas Edison - Paris, 1900.

Imagens como a retratada no cartaz inserido abaixo, alusivo à Exposição Universal de Paris de 1900, fizeram circular uma representação "majestática" de ciências, artes e técnicas a ser consumida pelas Nações que ali circulavam.

**Figura 1** - Cartaz de divulgação do Globo Celeste da Exposição Universal de 1900 – Paris.



**Fonte:** Bibliothèque Numérique Gallica<sup>7</sup> - Grand globe céleste. Exposition Universelle de 1900 / [affiche]/ [non identifié].1900.)

Para Sandra Pesavento, neste cenário a ciência [...] permite a comunicação de um lado a outro do universo; ela dá uma luz que parece uma emanção do sol; ela produziu no tratamento físico de corpos simples, efeitos que viriam deslocar todos os conhecimentos teóricos sobre a matéria. (Pesavento, 1997, p.90)

Na virada de século e num período que a literatura da área identifica como marco na expansão de um modelo de escola, a escola de massas, a Exposição Universal de 1900 assumiria certo protagonismo pelos inventos que colocará em cena e que se tornariam emblemáticos: a Torre Eiffel (Fig. 2) e o Tapete voador (Fig. 3), ou o Écran de 21m para a projeção dos filmes dos Irmãos Lumière (Fig. 4) estão entre eles.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

**Figura 2** - "La tour Eiffel" Neurdein frères<sup>8</sup>



**Fonte:** Tirage sur papier albuminé d'après négatif sur verre au gélatino-bromure d'argent, 27 x 20 cm BnF, Estampes et Photographie, D.L. 1900, Qb1 1900 folio, Exposition universelles, photographies de Neurdein, tome 3.

**Figura 3** - Des trottoirs roulants, préfiguraient, croyait-on, la ville de l'avenir<sup>9</sup>



**Fonte:** Paris en Images Avec Paris en Images, découvrez les collections photographiques de la Ville de Paris. Collections Roger Viollet du musée Carnavalet.

**Figura 4** – Écran Projeção Irmãos Lumière<sup>10</sup>



**Fonte:** Exposição Universal 1900 - Geschichte der Weltausstellungen

Ainda na Exposição de 1900 o cinematógrafo foi apresentado de três formas: 1) a participação por *stand* (visão única – kinestocópio de Edison) – (Fig. 5); 2) o cinematógrafo Lumière; 3) e por fim, de modo avançado para o período, o cinéorama (Raoul Grimoin-Sanson–multi-câmeras em um balão) 55 – (Fig. 6).

<sup>8</sup> Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/universelles/bande/index5.htm>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.parisenimages.fr/fr>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.worldexpositions.info/geschichte.html>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

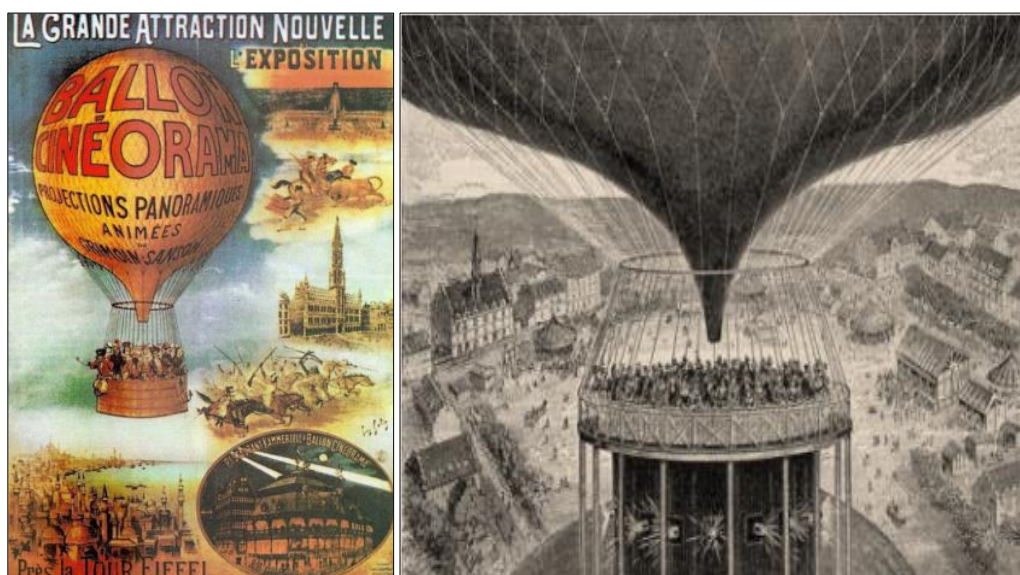


**Figura 5-** Kinetoscópio de Edison



Fonte: Coleção Memória do Congresso Americano<sup>11</sup>

**Figura 6 -** Poster for the Cineorama and Raoul Grimoin-Sanson: Cineorama 1900



Fonte: Media+Art+Innovation<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.loc.gov/collections/edison-company-motion-pictures-and-sound-recordings/about-this-collection/>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://mediartinovation.com/2014/06/23/raoul-grmoin-sanson-cineorama-1900/>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

Vale lembrar que, ainda que ganhe destaque nas Exposições, o uso do cinematógrafo já estava se disseminando em círculos europeus, norte-americanos e na América Latina.

Na França, o Doutor Eugène-Louis Doyen (1889) já fazia uso da cinematografia educativa para o ensino das práticas de cirurgia. Nos Estados Unidos, em 1905, já era possível notar a presença do cinematógrafo no ensino, a partir do Museu Escolar de Sant Louis. A padronização do cinematógrafo no ensino norte-americano ocorreu no princípio de 1910, a partir da criação da Associação de Instrução Visual, e posteriormente, pela Divisão da Instrução Visual em Nova York. (Liz Souza, 2016, p. 36-37)

Na América Latina, foram localizadas informações sobre o uso do na Argentina e no Chile entre 1889 a 1900. No Brasil, esta presença foi identificada já em 1899, em registro da Escola Normal do Estado do Maranhão. Indústrias de ramos afins investem neste novo nicho no intuito de atender a demanda, fazendo surgir novas produções e adaptações dos aparatos, a exemplo —Le cinema-scolaire-électric N° 3 – Georges Mendel.

**Figura 8** - Cinema-scolaire-électric (Georges Mendel)



Fonte: Catalogue Le Cinéma Électric Georges Mendel 1901 - 1910<sup>13</sup>

Da narrativa da modernidade, fomentada pelas Exposições Universais, às alianças entre o setor educativo e a indústria que descobre na escola um grande mercado, vai-se construindo um mapa que retrata a presença de indústrias e representantes comerciais bem como, do próprio objeto na escola, seja como elemento distintivo, seja como recurso didático que ilustraria com maior rigor e vigor conteúdos a serem tratados.

Em termos de tratativas comerciais, ainda no século XIX o governo brasileiro estimulava o ingresso de "novas tecnologias" nas escolas, como se pode ver em artigo da Lei nº 359<sup>14</sup> de 1895, a qual orça os gastos para o ano seguinte, no item dedicado as taxas de impostos:

Fica reduzido de 60% o imposto e importação sobre o material escolar para o ensino primário, considerado como tal unicamente o material técnico (carteiras escolares, quadros pretos, mappas, dous de Froebel, ciencias naturais e sólidos geométricos, e não qualquer outro que

<sup>13</sup> Disponível em: <http://cinematographes.free.fr/mendel.html>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

<sup>14</sup> Publicada no Diário Oficial da União de 31 de dezembro de 1895.



possa ter destino diferente). – A redução apenas vigorará durante o período orçamentario e somente para o material que for importado para estabelecimentos de ensino gratuito. (Art. 19 da Lei nº 359 de 1895).

No espaço escolar, além do registro de 1899 referente a Escola Normal do Estado do Maranhão<sup>15</sup>, a presença do cinematógrafo foi identificada nas décadas de 1910 e 1920, em algumas instituições como grupos escolares e em sessões especiais para crianças em cinemas das cidades. Em Santa Catarina foram identificadas para o ano de 1912, sessões de cinematografia no Grupo Escolar Lauro Müller, situado em Florianópolis (a capital do estado) e Grupo Escolar Conselheiro Mafra, recém inaugurado na cidade de Joinville, localizado na região norte do Estado.

Heloisa Villela (2010) informa sobre a presença dos cinematógrafos no ensino brasileiro como um dos aportes das Reformas realizadas por Benjamin Constant (1890) que desejava, segundo a autora, arrojara a Escola Normal. O melhoramento do ensino buscaria, no uso das tecnologias, formas para inovar o *Pedagogium* (1890) – museu de suporte às escolas normais e escolas modelos -, com objetos escolares que se destacavam como modernos, dentre estes as "coleções tecnológicas e os aparelhos escolares". Conforme estabelecido no Art. 1º do Decreto nº 607 de 1890: "O *Pedagogium* tem por fim: Constituir-se centro impulsor das reformas e melhoramentos do que carece a instrução nacional [...] a exposição dos melhores methods e do material do ensino mais aperfeiçoado".

Em termos de produção de material que necessitaria do uso do aparelho para divulgação, para o caso brasileiro os primeiros vestígios localizados na documentação consultada indicam filmagem realizada por Oswaldo Cruz tendo por tema o combate à febre amarela e a recém-descoberta doença de Chagas. Estas filmagens foram exibidas na Exposição Internacional de Higiene, em Dresden no ano de 1911<sup>16</sup> e mostram os problemas relacionados ao saneamento no país. Em 1910 Edgar Roquette Pinto organizou a filmoteca do Museu Nacional<sup>17</sup>, com material que passa a fazer parte do corpo de coleções didáticas que deveriam compor os museus escolares<sup>18</sup>. Os filmes produzidos pela filmoteca do Museu Nacional, passaram a ser denominados como lições de coisas<sup>19</sup>, assim como outros advindos de grandes indústrias cinematográficas, como Distributed by De Vry School Films Inc. ou Pathé l'enseignement, as quais, de acordo com Jonathas Serrano e Venâncio Filho (1930) denominaram como lições de coisas suas coleções de filmes destinados à educação.

De acordo com o relatório do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio (1912-1913, p. 78), órgão ao qual o Museu estava subordinado nesse período, além de filmes adquiridos nas indústrias Pathé e De Vry, a filmoteca do Museu Nacional investe na produção de material. Como exemplo tem-se produção de Roquette Pinto, realizada 1912 como fruto de expedição da Comissão Rondon, na qual realizou filmagens com os índios. Este material passaria a compor a filmoteca do Museu Nacional.

Convencido da importância deste artefato e ciente dos altos custos, em 1916 Roquette Pinto reconhece a necessidade de ter um aparelho do "tipo escolar". Segundo consta nos escritos

<sup>15</sup> Decreto nº 1 de 1899, Regulamento da Escola Normal do Maranhão.

<sup>16</sup> Outras informações pertinentes ao documentário que possui as filmagens exibidas podem ser acessadas no portal da FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Disponível.

<sup>17</sup> Desde 1906, por meio do Decreto nº 1606 de 29 de dezembro de 1906, que criava o Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, o Museu Nacional estabeleceu-se sobre a jurisdição desse Ministério. Por meio do Decreto nº 7.501 de 12 de agosto de 1909, passa a ser vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

<sup>18</sup> Conforme Decreto nº 7.862, de 9 de fevereiro de 1910, e do Decreto Nº 9.211, de 15 de dezembro de 1911, que regulamentavam o funcionamento do Museu Nacional.

<sup>19</sup> De acordo com Jonathas Serrano e Venâncio Filho (1930) as indústrias De Vry e Pathé denominaram como lições de coisas suas coleções de filmes destinados à educação.

de Serrano e Venâncio (1930), Roquette constrói um modelo de cinematógrafo, ainda que denominado como lanterna escolar.

Dados como os até aqui apresentados indicaram a possibilidade e necessidade de localização de informações que ajudassem a compor um quadro mais orgânico e representativo da presença deste artefato na escola brasileira. Assim, optou-se pela consulta, entre outras fontes, à legislação educacional. Com base nesta documentação foi possível compor o Quadro que segue.

**Quadro 2** - Legislação educacional dos estados: consumo pedagógico de aparelhos de projeção

Leis/Decretos/Resoluções	Data	Localização
<b>Decreto nº 1</b> Designa: Regulamento da Escola Normal;	11.04.1899	Maranhão
<b>Decreto nº 6</b> Designa: Regulamento da Escola Normal;	07.03.1900	Maranhão
<b>Decreto nº 55</b> Designa: “Estabelece novo Regulamento para as Escolas Normal e Modelo Benedicto Leite, [...] Escolas primarias regidas por normalistas”.	27.07.1905	Maranhão
<b>Decreto nº 3.405</b> Designa: Approva o programma do ensino primário do Estado.	15.01.1912	Minas Gerais
<b>Decreto nº 4.508</b> Designa: Approva o programma do ensino primário do Estado.	19.01.1916	Minas Gerais
<b>Decreto nº 4.930</b> Designa: Approva o programma do ensino primário do Estado	06.02.1918	Minas Gerais
<b>Decreto nº 5.387</b> Designa: Reorganiza os serviços a cargo do Instituto “João Pinheiro”	22.07.1920	Minas Gerais
<b>Decreto nº 7.970 - A</b> Designa: Approva o Regulamento do Ensino Primario.	15.10.1927	Minas Gerais
<b>Decreto nº 8.094</b> Designa: Approva os programas do ensino primário.	22.12.1927	Minas Gerais
<b>Decreto nº 8.225</b> Designa: Approva os programas do ensino normal	11.02.1928	Minas Gerais
<b>Decreto n. 10414</b> Designa: Aprova Regulamento do Cinema Educativo	15.07.1932	Minas Gerais
<b>Decreto nº 10.821</b> Designa: Aprova programas do ensino normal.	29.08.1933	Minas Gerais
<b>Decreto nº 11.501</b> Designa: Approva modificações feitas no decreto nº 10.362, de 31 de maio de 1932. Regulamento a que se refere o Decreto nº 11.501 “ <b>DO ENSINO NORMAL – Das escolas normaes</b> ”.	31.08.1934	Minas Gerais
<b>Regulamento Provisório Cinema Educativo</b> Designa: Afim de coordenar o trabalho do cinema educativo e estabelecer estreita relação com a Comissão[...]	20.08.1931	São Paulo
<b>Decreto n. 5.828</b> Designa: "Reorganiza a diretoria geral do ensino”.	04.02.1933	São Paulo
<b>Decreto n. 5.884</b> Designa: Institue o Código de Educação do Estado de São Paulo.	21.04.1933	São Paulo
<b>Comunicado nº 24</b> A Diretoria Geral do Ensino Recomenda a todas as autoridades escolares que cumpram e façam cumprir as seguintes instruções que orientam o Serviço de Rádio e Cinema Educativo do Estado de São Paulo.	08.11.1933	São Paulo
<b>Decreto n. 6.425</b> Designa: Reorganiza a Diretoria Geral do Ensino e da outras providencias	09.05.1934	São Paulo
<b>Decreto n. 9.109</b> Designa: Converte o cargo de diretor da Secretaria da Diretoria do Ensino no de Secretario	13.04.1938	São Paulo
<b>Decreto n 1.059</b> Designa: <b>Regulamento Escola Normal</b>	14.02.1916	Distrito Federal /RJ
<b>Lei nº 3.231</b> Designa: <b>Organiza o ensino municipal do Distrito Federal. Parte X – Das Instituições Auxiliares de Ensino</b>	23.01.1928	Distrito Federal /RJ

<b>Decreto n° 1.059</b> Designa: Regulamento Escola Normal	14.02.1916	Distrito Federal /RJ
<b>Lei n° 3.231</b> Designa: Organiza o ensino municipal do Distrito Federal. Parte X – Das Instituições Auxiliares de Ensino	23.01.1928	Distrito Federal /RJ
<b>Decreto n° 2.940</b> Designa: Regulamenta a Lei n° 3.231 de 23.01.1928, que organizou o ensino municipal do Distrito Federal.	22.11.1928	Distrito Federal /RJ
<b>Decreto n° 3.763</b> Designa: Modifica algumas disposições do Decreto n° 3.281 de 1928.	01.02.1932	Distrito Federal /RJ
<b>Decreto 4.387</b> Designa: Consolida a organização técnica e administrativa do aparelho de direção do sistema educacional, instituindo o Departamento de Educação do Distrito Federal, e da outras providências.	08.09.1933	Distrito Federal /RJ
<b>Decreto n° 4688</b> Designa: Transforma a Divisão de Bibliotecas, Museus e Rádio-Difusão do Departamento de Educação, na Divisão de Biblioteca e Cinema Educativo.	17.01.1934	Distrito Federal /RJ
<b>Decreto n° 17</b> Designa: Organiza as secretarias gerais e da outras providências.	02.09.1935	Distrito Federal /RJ
<b>Resolução n° 326</b> Designa: <b>creou o Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolar</b>	21.03.1934	Espírito Santo
<b>Programa de Ensino das Escolas Primárias</b> Designa: Programa de Ensino das Escolas Primárias, 1930, GO.	1930	Goyaz
<b>Portaria n° 1</b> Designa: Departamento de Educação resolve que o Programa para o ensino das Escolas Primárias Públicas e Particulares do Estado. <b>Creou o Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolar</b>	13.01.1938	Sergipe

**Fonte:** Documentos da organização escolar brasileira (In.: Liz Souza, 2016, p. 42).

Como vem se tentando mostrar, no que concerne a circulação e presença nas escolas brasileiras, foram encontradas várias pistas. Vejamos algumas:

a) No Maranhão, conforme Decreto n° 1 de 1899, Regulamento da Escola Normal, Título IV – Da Escola Modelo "Art. 76 Para a ministração dos conhecimentos que melhor se fixam pela imagem visual, recorrer-se-á às projecções no que não for possível mostrar em realidade, como por exemplo os aspectos da terra, os costumes e monumentos dos povos, os phenomenos metereologicos das auroras etc."

b) Em Minas Gerais aparece associado o uso das imagens fixas e dos filmes cinematográficos ao método de Decroly das Lições da Escola Activa (Decreto n° 8.094, 1927) para o ensino na disciplina Instrução Moral;

c) Em Sergipe, pela Portaria N° 1, o cinematógrafo aparece na prescrição do ensino de Geografia, nas observações: "Convém animar o ensino de história, tomando-o essencialmente intuitivo. Visitar lugares e monumentos (excursões) seria ideal, mas nem sempre é possível. A colaboração do cinema seria igualmente desejável" (p. 26). (Liz Souza, 2016, p. 150)

Dados como os acima apresentados levaram á elaboração de um Quadro síntese, cujo objetivo foi representar a recorrência e a presença em diferentes lugares.

**Quadro 3** - Consumo pedagógico: o cinematographo no ensino brasileiro

CINEMATOGRAFIA NO ENSINO BRASILEIRO (1895 – 1935)						
Estado	Período	Regulamento	Programa de ensino	Escola normal	Ensino primário	
				Disciplina	Disciplina	
MA	1895	X		Conhecimento Geral/Das Aulas		
	1900	X				
	1905	X				
MG <sup>20</sup>	1912		X		Estudo da Natureza	
	1916		X			
	1918		X			
	1920	X				Educação cívica
						Ensino histórico
						Geográfico
	1927			X		Lições de coisas
						Instrução Moral
	1927	X				Mobiliário e Material
1928			X		Ciências Naturais	
					Geografia do Brasil	
MG	1932	X	Cria o serviço de cinema educativo no Estado			
	1933		X	Biologia		
	1934	X		Conferências		
DF/RJ	1916	X		História		
	1928	X		Cinema Escolar e Rádio	Cinema Escolar e Rádio	
	1928	X		Cinema Escolar e Rádio	Cinema Escolar e Rádio	
	1932	X		Cinema Escolar e Rádio	Cinema Escolar e Rádio	
	1933	X		Filmoteca e Cinema escolar	Filmoteca e Cinema escolar	
	1934	X		Biblioteca e Cinema Educativo	Biblioteca e Cinema Educativo	
	1930			X		História
SP	1931	Regulamento provisório do Cinema Educativo no Estado				
	1933	X		Serviço de Rádio e Cinema	Serviço de Rádio e Cinema	
	1933 <sup>21</sup>	X		Serviço de Rádio e Cinema Educativo	Serviço de Rádio e Cinema Educativo	
	1934	X		Cinema Educativo	Cinema Educativo	
	1938	X		Cinema Educativo	Cinema Educativo	
ES	1934	Cria o Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolar				
SE	1938		X		Geografia	

**Fonte:** Documentos da organização do ensino no Brasil (In. Liz Souza, 2016, p. 146).

<sup>20</sup> No Estado de Minas Gerais há um fato relevante a ser destacado: aparece nos programas e regulamentos a menção de lanternas mágicas e filmes cinematográficos. Deste modo, se faz necessário lembrar o trabalho realizado por Heloísa Villela, “Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)”, tese defendida em 2002, Universidade de São Paulo.

<sup>21</sup> Circular de Comunicação Nº 24, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 08 de novembro de 1933, dá vigência a criação do serviço ao Cinema Educativo em São Paulo. A Diretoria Geral do Ensino – Recomenda a todas as autoridades escolares que cumpram e façam cumprir as seguintes instruções que orientam o Serviço de Rádio e Cinema Educativo do Estado de São Paulo. “Art. 1º - O Serviço de Rádio e Cinema Educativo tem por fim colocar ao alcance da escola, as conquistas da técnica moderna no campo da cinematografia e do rádio.” Do Estado de São Paulo sobre o cinema educativo, vale ressaltar o trabalho de Dissertação de Ana Nicolaça Monteiro “O cinema educativo como inovação pedagógica na escola primária paulista (1933 – 1944)”, defendido em 2006, na Universidade de São Paulo.

Ainda que a Escola Normal do Maranhão tenha sido a primeira entre as localizadas com registro deste artefato entre os recursos que deveria dispor, em termos de aquisição a primeira informação encontrada faz referência a Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, em Minas Gerais que teria comprado um cinematógrafo em 1920.

Também foram localizadas informações sobre o uso (não a aquisição) do cinematógrafo e registro fotográfico do aparelho no acervo da Escola Normal Caetano de Campos. Segundo documentos analisados, tratar-se-ia de artefato utilizado em experiências realizadas no Laboratório Experimental de Psicologia<sup>22</sup> e Pedagogia, em funcionamento entre 1910 a 1930, que contava com o Gabinete de Psicologia, registrando-se a participação de Ugo Pizzoli<sup>23</sup>, e, posteriormente, de de Henri Pierón<sup>24</sup>.

O estímulo governamental, a expansão industrial e as demandas das escolas abriram espaços no Brasil para a fixação de grandes indústrias de cinematografia como a Pathé Frères, representada por Companhia Cinematographica, dirigida por Serrador cuja presença se espraiava pelo território como se pode ver na Figura abaixo, reprodução de página do Jornal de Recife, edição de 11 de junho de 1914. Trata-se de empresa brasileira que representava a Pathé Frères – Companhia Cinematographica Brasileira, fundada por Francisco Serrador em 1911. Anúncios da época destacam que a Pathé Frères era capaz de "condensar em alguns quadros os episódios de um trecho histórico e em seus mínimos detalhes acompanham-se o desenrolar dos factos no próprio ambiente da época [...]"<sup>25</sup>. Além da Pathé Frères outros estabelecimentos estrangeiros se fizeram presentes no Brasil no primeiro terço do século XX. As informações localizadas foram sistematizadas no Quadro que segue.

#### Quadro 4 - Sociedades Anônimas de Cinematographia no Brasil

Estabelecimentos Estrangeiros de Cinematographia no Brasil – 1910 a 1930		
Data	Sociedade/Firma/Empresa	Fonte
26/09/1920	Sociedade Anonyma Fox Film do Brasil	D.O.U 26.09.1920 seção 1 p.41-44
21/12/1923	Societé Franco-Brésilienne du Pathe-Baby	D.O.U 21.12.1923 seção 1 p. 151 Decreto nº 16.218, de 28 de Novembro de 1923
30/10/1920	Sociedade Anonyma Kodak Brasileira Ltda	D.O.U 30.10.1920 seção 1 p. 44 Decreto nº 14.399, de 11.10.1920;
09/11/1923	Sociedade Anonyma Casa Lohner Siemens-Reinigerwerke A. G. – Berlim	D.O.U 09.11.1923 seção 1 p. 77
23/09/1924	Sociedade Anonyma Brasileira Estabelecimentos Mestre e Blatgé - MESBLA	D.O.U 23.08.1924 seção 1 p. 73 – 78

**Fonte:** Dados dos Diários Oficial da União (Organizado por Luani Liz Souza, 2016, p. 143)

<sup>22</sup> Documentário da Dr<sup>a</sup> Maria Antonieta Martinez Antonacci (Historiadora). Disponível em: <http://www.caetanodecampos.com.br/buscar/208/a-escola-e-seus-equipamentos-no-laboratorio-de-psicologia>. Acesso em: 26 de jul. 2017.

<sup>23</sup> Relacionado a pedagogia científica, Ugo Pizzoli (médico, pedagogo e psicólogo), italiano (1863 – 1934), estudioso dos problemas didáticos-escolares, de acordo com Monarca (2011). Ver: MONARCA, C. A Semiótica do escolar construída pelo Dr. Ugo Pizzoli (Itália-Brasil). In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação. Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória, UFES, 2011. CENTOFANTI, R. Os laboratórios de psicologia nas escolas normais de São Paulo: o despertar da psicometria. In: Revista Psicologia da Educação, São Paulo, 22, 1º sem. de 2006. [pp. 31-52]. Sistema Informativo Unificado per le Soprintendenze Archivistice. Disponível em: <http://siusa.archivi.beniculturali.it/cgi-bin/pagina.pl?TipoPag=prodpersona& Chiave=58630>; Archivio storico della psicologia italiana – Disponível em: <http://www.aspi.unimib.it/collections/entity/detail/129/>. Acesso em: 27 de jul. de 2017.

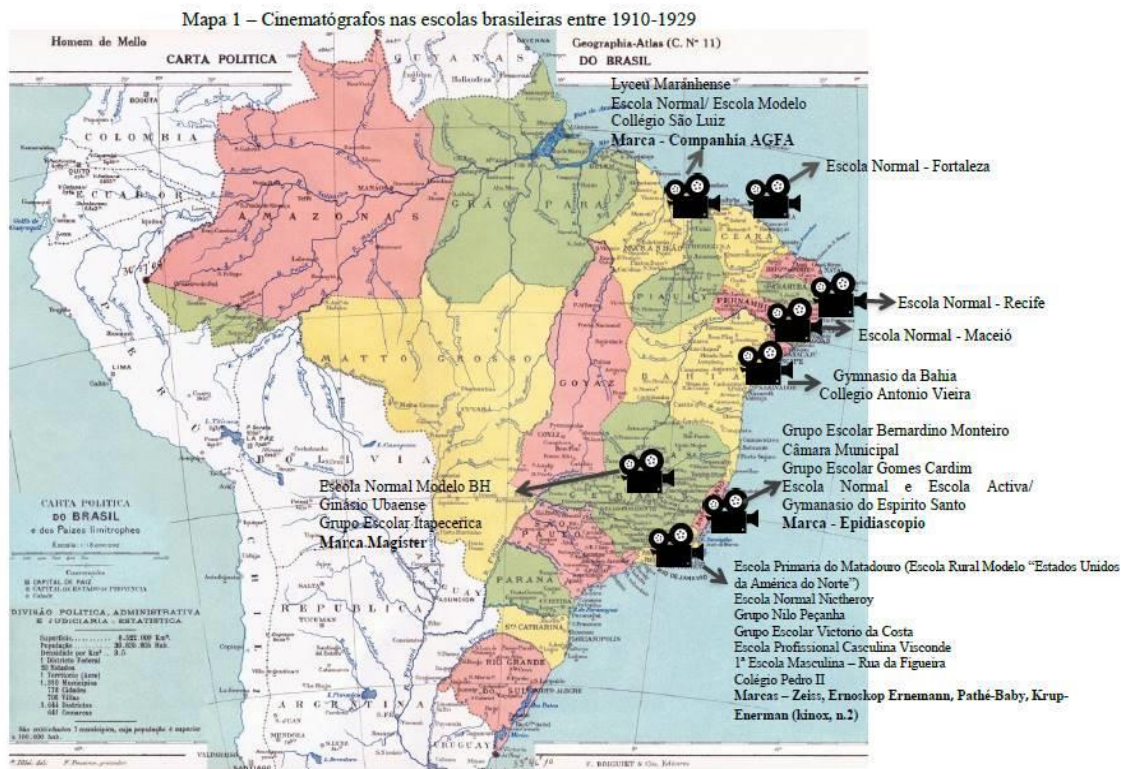
<sup>24</sup> Henri Louis Charles Piéron (1881- 1964), nascido em Paris, psicólogo e filósofo. Escola Normal de São Paulo lecionou Psicologia Experimental e Psicometria. As conferências que proferiu em seu curso foram publicadas no Psychologia e Psychotechnica pelo Laboratório de Psicologia Experimental dessa escola. Ver: AUGRAS, M. In memoriam. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/download/15084/13976>. Acesso em 28 de jul. de 2017.

<sup>25</sup> Fonte: Jornal de Recife. 11 de jun de 1914. Edição 00157. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.



Estes indicativos ajudaram na localização de vestígios da presença de cinematógrafos nas escolas. Neste percurso, entre outros dados, identificou-se realizações de Jonathas Serrano<sup>26</sup> no Colégio Pedro II, quanto ao uso das projeções, entre 1913 a 1925, e o trabalho com fitas pedagógicas de Venerando da Graça e Fábio Luz<sup>27</sup> em 1916, ambos integrantes do serviço de inspeção escolar o Distrito Federal/Rio de Janeiro. Estes são dados que indiciam a circulação do cinematógrafo em algumas escolas. Em busca de informações sobre esta presença, partiu-se para a consulta a jornais digitalizados pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional, os quais deram origem ao "mapa" que segue.

### Mapa - Cinematógrafos nas escolas brasileiras entre 1910 e 1929



**Fonte:** Atlas do Brazil (pub.1923) pelo Barão Homem de Mello e pelo Dr. Francisco Homem de Mello. Disponível:<<https://ihgb.org.br>> Acesso em: 27 de jul. 2017. (In.: Liz Souza, 2016, p. 145).

### Algumas Considerações

A abordagem que se traz aqui acompanha a reflexão de Ana Waleska P. C. Mendonça (2013), que advoga o estudo da circulação de modelos e objetos nas diferentes fronteiras, sem correlacionar a uma perspectiva dominante. Esta forma de análise possibilita pensar a materialidade de modo não subordinado a correlação direta de

<sup>26</sup> No livro Cinema e Educação (1930) Jonathas Serrano menciona a sua prática no Colégio Pedro II e na Escola Normal do Rio de Janeiro com o uso de projeções. Indica que em dois compêndios escrito por ele aborda o uso da projeção nas aulas de história. Os compêndios em que aparecem as menções sobre a projeção nas aulas de história são —Epitome de História Universall (1913) e —Methodologia da História na Aula Primária (1917).

<sup>27</sup> Em 1916, no Diário Oficial da União dos dias 13.09.1916 e 31.10.1916, o Sr. Venerando da Graça apresenta à Diretoria Geral da Indústria e Commercio a invenção das fitas pedagógicas, —um novo systema de ensino prático escolar, constituído de enigmas figurados e pitorescos, com annuncios e reclames apropriados a croquis, fotografias, desenhos e paysagens, applicado em uma fita ou fitas cinematographicas, denominado – Fita pedagógica, de Arthur Pythagoras Toval Conrado e José Venerando da Graça Sobrinhol (D.O.U 13.09.1916 p. 12); (D.O.U 31.10.1916).

influência, transplante cultural ou hibridismo. Assim, o objeto escolar ou cultural pode se fazer presente em diferentes momentos e em escolas operadas por modos distintos do ponto de vista dos encaminhamentos pedagógicos, administrativos e das temporalidades.

Também nos serve de guia a compreensão da escola como organização da sociedade industrial que ocorre dentro de um sistema-mundo e, conforme argumentou John Meyer (2000) no livro *A Difusão Mundial da Escola*, as instituições escolares e as práticas de escolarização revelam que a educação é uma "formalidade mundialmente estandardizada", se ancora em práticas globais de intervenções e possui normas para dispositivos "mundialmente" comuns.

Com os dados identificados foi possível mapear diferentes indústrias de cinematografia, com ênfase naquelas que atuaram no Brasil. Do fio pinçado das Exposições Universais chegou-se a outras como as Exposições de Cinematographia Educativa, realizadas no Distrito Federal (então Rio de Janeiro) e em São Paulo entre 1929 e 1931, que ofereceram elementos fundamentais para a compreensão da circulação do cinematógrafo no país.

Ainda que a presença deste artefato não represente número significativo em relação ao universo de escolas brasileiras, há dados suficientes que indicam sua existência em várias partes do território como se pode ver no Gráfico que segue. Este quadro quantifica dados relativos aos anos finais de 1930, um já "produto" de trabalhos do Instituto Nacional de Cinema Educativo e da ação "entusiasmada" de Roquette Pinto.

Vale lembrar que, a despeito do empenho da indústria e da propaganda agressiva a favor do uso do cinematógrafo nas escolas, também ocorreram resistências por parte de setores receosos quanto aos conteúdos que os filmes colocariam em circulação e sobre o qual os docentes poderiam "perder o controle". Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho (1930), por exemplo, registraram que no —III Congrès International D'Education Familiale – Après L'Age D'École, a Professora Marie Bertinot, Presidente do Jardim de Infância da União Familiar de Paris, apresentou seu ponto de vista referente ao cinema escolar no qual evidencia que as películas eram provocativas e inconvenientes.

De objeto do desejo e ícone de modernidade o cinematógrafo entra na zona de descarte, forma tão engenhosa da indústria do consumo, e passa a frequentar lotes de modernidades abandonadas tão bem descritas por Martin Lawn e Escolano Benito numa série de estudos que abordam aspectos da cultura material escolar. Curiosamente, para o caso brasileiro observou-se que a sobrevivência deste aparelho se deu mais em outros espaços que nos acervos das escolas. Em sua pesquisa Luani de Liz Souza apresenta um conjunto de dados importantes sobre a presença dos vestígios deste artefato em acervos outros. Conforme informa, encontra-se no "**Museu de Arte Moderna – MAM** Rio de Janeiro, parte do acervo fílmico produzido pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo. O **Centro Técnico Audiovisual** – Rio de Janeiro, dispõe do livro Tombo do Instituto Nacional do Cinema Educativo e parte do acervo fílmico.

Outra instituição que possui registros e documentos sobre o cinema educativo é a **Cinemateca – São Paulo** e, na forma digital, existe o **Banco de Conteúdos Culturais**, resultado de uma iniciativa do Ministério da Cultura em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia, realizada pela **Cinemateca Brasileira** em parceria com o Centro Técnico Audiovisual. Esse convênio interministerial possibilitou o uso inédito, por instituições vinculadas à Cultura, da infra-estrutura da Rede Nacional de Ensino e

Pesquisa<sup>28</sup>. Na **Fundação Nacional das Artes** – Funarte/Rio de Janeiro, instituição que possui no acervo a listagem completa dos filmes produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo e alguns Guias para professores, destinados a desenvolver conceitos de arte e o uso do cinema, sendo estes livros produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo. Na **Fundação Getúlio Vargas** – FGV foi possível localizar um vasto número de documentos sobre o cinema educativo no Brasil. Os documentos encontram-se vinculados a diferentes arquivos relacionados aos intelectuais da educação e políticos do período em análise nesse estudo." (Liz Souza, 2016, notas 19 a 22, p. 39).

Por fim, compreende-se que a narrativa da escola e de parte de seus conteúdos estaria balizada por interesses que se articulam entre o Estado (ou estados), a indústria e seus aliados e porta-vozes que irão defender a necessidade de "industrializar o professor".

### Referências e fontes

ALMEIDA, Avelino de. "Do cinema educativo. No Brasil também há alguma coisa" Revista Cinéfilo, Lisboa, 26.03.1932. (Texto cedido pela Professora Selda Vale da Costa – UFAM).

AUGRAS, M. In memoriam. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/download/15084/13976>. **Simpósio Internacional em homenagem a Henri Piéron** (1881-1964) quinquagésimo aniversário da sua morte, 2014. Disponível em: <https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/504/files/2014/05/COLLOQUE-PIERON-Version-en-Portugais.pdf>. Acesso em 28 de jul. de 2017.

BOTELHO, André. Um antropólogo sem qualidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 24, Nº 70, São Paulo, 2009. [p.172-175]. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000200012>.

BRASIL, Atlas do Brazil (pub.1923) pelo Barão Homem de Mello e pelo Dr. Francisco Homem de Mello. Disponível:<<https://ihgb.org.br>>. Acesso em: 27 de jul. 2017.

BRASIL, **Decreto nº 1606**, de 29 de dezembro de 1906 – Criava o Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio.

BRASIL, **Decreto nº 7.501** de 12 de agosto de 1909.

BRASIL, **Decreto nº 7.862**, de 9 de fevereiro de 1910.

BRASIL, **Decreto Nº 9.211**, de 15 de dezembro de 1911.

BRASIL, **Diário Oficial da União** de 13.09.1916.

BRASIL, **Diário Oficial da União** de 20.12.1929.

BRASIL, **Diário Oficial da União** de 31.10.1916.

---

<sup>28</sup> Através dessa rede de conexão em alta velocidade, abre-se uma imensa possibilidade de difusão da cultura para a comunidade acadêmica e científica e para o público em geral. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/>. Acesso em 28 de jul. de 2017.

BRASIL, **Lei nº 359** de 31 de dezembro de 1895.

BRASIL, **Relatório do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio (1912-1913)**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/index.html>>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

BRUZZO, Cristina. **Filme "Ensinante"**: o interesse pelo cinema educativo no Brasil. *Pro-Posições*, v. 15, n. I (43) - jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/43-artigos-bruzzoc.pdf>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

Cartaz de divulgação do Globo Celeste da Exposição Universal de 1900 – Paris. Bibliothèque Numérique Gallica - Grand globe céleste. Exposition Universelle de 1900 / [affiche]/ [non identifié].1900.) Disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 26 de jul. de 2017

CENTOFANTI, R. Os laboratórios de psicologia nas escolas normais de São Paulo: o despertar da psicometria. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 22, 1º sem. de 2006. [pp. 31-52]. Sistema Informativo Unificato per le Soprintendenze Archivistiche. Disponível em: <<http://siusa.archivi.beniculturali.it/cgi-bin/pagina.pl?TipoPag=prodpersona&Chiave=58630>>; Cinema-scolaire-électric (Georges Mendel). Disponível em: <http://cinematographes.free.fr/mendel.html>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

CONDÉ, William N. **Marc Ferrez & Filhos**: Comércio, distribuição e exibição nos primórdios do cinema brasileiro (1905-1912). Programa de Pós-graduação em Comunicação (Dissertação). Rio de Janeiro, 2012.

Des trottoirs roulants, préfiguraient, croyait-on, la ville de l'avenir. Disponível em: <http://www.parisenimages.fr/fr>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

Écran Projção Irmãos Lumière. Exposição Universal 1900. Disponível em: <<https://www.worldexpositions.info/geschichte.html>>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

FOSTER, Lila. Apontamentos para um estudo sobre a Pathé-Baby no Brasil. **XVIII SOCINE** – O novíssimo cinema Latino-americano. Fortaleza, 2014.

FRANÇA. **Catalogue Le Cinéma Électric Georges Mendel 1901 – 1910**. Disponível em: <http://cinematographes.free.fr/mendel.html>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

FRANÇA. L'illustration Française de 1855. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: Espetáculos da Modernidade do Século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

FRANÇA. **Patente FR 444119**, de 22 de maio de 1912. Disponível em: <http://cinematographes.free.fr/doyen-444119.html>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Objetos de utilidade prática para o Ensino Elementar: Museus Pedagógicos e Escolares em debate. In: IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia, 2016, Rio de Janeiro. **Anais do IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. p. 259-278. Disponível em: [http://site.mast.br/hotsite\\_anais\\_ivspct\\_2/pdf\\_02/16%20%2011%20Trabalho%20VeraGaspar%20e%20GizeleSouza.pdf](http://site.mast.br/hotsite_anais_ivspct_2/pdf_02/16%20%2011%20Trabalho%20VeraGaspar%20e%20GizeleSouza.pdf). Acesso em: 25 de jul. de 2017.

III Congrès International D'Éducation Familiale. Expo 1910. Página (particular belga) sem fins lucrativos, que disponibiliza parte de um acervo pessoal. Disponível em: <http://www.webring.org/l/rd?ring=collectpc;id=13;url=http%3A%2F%2Fusers%2Etelnet%2Ebe%2Fexpo1910%2F>. Acesso em: 28 de jul. de 2017.

Inventores – Louis e Auguste Lumière e cinematógrafo. Disponível em: <[http://www.institut-lumiere.org/patrimoine\\_index.html](http://www.institut-lumiere.org/patrimoine_index.html)>. Acesso em: 26 de jul. 2017.

Jornal do Recife. 11 de jun de 1914. Edição 00157. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

Kinetoscópio de Edison. Disponível em: <<https://www.loc.gov/collections/edison-company-motion-pictures-and-sound-recordings/about-this-collection/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2017.

“La tour Eiffel” Neurdein frères. Disponível em: <<http://expositions.bnf.fr/universelles/bande/index5.htm>>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

Laboratório Experimental de Psicologia – Escola Caetano de Campos. Documentário da Dr<sup>a</sup> Maria Antonieta Martinez Antonacci (Historiadora). Disponível em: <<http://www.caetanodecampos.com.br/buscar/208/a-escola-e-seus-equipamentos-no-laboratorio-de-psicologia>>. Acesso em: 26 de jul. 2017.

LIZ SOUZA, Luani (2016). **O cinematógrafo entre os olhos de Hórus e Medusa: Uma memorabilia da educação escolar brasileira (1910 – 1960)**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPG/UEDESC.

Manetti, Daniela. **Un'arma poderosissima**. Industria cinematografica e Stato durante il fascismo (1922 – 1943). Milano, Editora Franco Angeli, 2012.

MARANHÃO, Decreto nº 1 de 1899, Regulamento da Escola Normal do Maranhão.

MEDA, Juri. A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 07 – 28, jan./abr. 2015. Título original: La «historia material de la escuela» como factor de desarrollo de la investigación histórico-educativa en Italia. Traduzido por Ademilde S. Sartori, com revisão técnica de Gizele de Souza e Vera Lúcia Gaspar da Silva.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. A emergência do Ensino Secundário Público no Brasil e em Portugal: Uma “História Conectada”. **Revista Contemporânea de Educação**. Vol. 8, n. 15, janeiro/julho de 2013.

MEYER, John W. Globalização e Currículo: Problemas para a Teoria em Sociologia da Educação. In: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (eds.). **A Difusão Mundial da Escola**. Lisboa: Educa, 2000.

MONARCA, Carlos. A Semiologia do escolar construída pelo Dr. Ugo Pizzoli (Itália-Brasil). In: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória, UFES, 2011.



**MONTEIRO, Ana Nicolaça. “O cinema educativo como inovação pedagógica na escola primária paulista (1933 – 1944)”**, Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

O cinematographo nas escolas. Semanário Fon Fon – Edição 0015/ Abril de 1912. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

Pathé - cinema educador. Jornal do Recife. 11 de jun de 1914. Edição 00157. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

Pathé "uma instituição carioca". **Semanário Fon Fon Edição** 0039 (1910). Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

Poster for the Cineorama and Raoul Grimoin-Sanson: Cineorama 1900. Disponível em: <<https://mediartinnovation.com/2014/06/23/raoul-grmoin-sanson-cineorama-1900/>>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

ROSA, Cristina Souza da. **Para além das fronteiras nacionais: Um estudo comparado entre os Institutos de Cinema Educativo do Estado Novo e do Fascismo (1925-1945)**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, (Tese de Doutorado), 2008.

SÃO PAULO, Circular de Comunicação Nº 24, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 08 de novembro de 1933.

SERRANO, Jonathas e Venâncio Filho. **Cinema e educação**. São Paulo, Melhoramentos, 1930.

VALDEMARIN, Vera T. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPARD da SILVA, Vera Lucia. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, jul./dez. 2010, p. 29-45. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2127>. Acesso em: 17 jun. 2017.

VILLELA, Heloísa. **Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)**. Tese defendida em 2002, Universidade de São Paulo.